

Meu processo de letramento digital

Sandra Moreira da Silva

Posso considerar que meu primeiro contato com a tecnologia digital foi em 2005, quando me inscrevi para fazer um curso básico de computação no Telecentro de Araçuaí. Os primeiros momentos foram de muita insegurança, uma vez que meu contato com computador até então tinha sido muito pouco. O instrutor me mostrou onde era o botão *power* e me orientou a ligar a máquina. Meu medo era tanto que só encostei o dedo no botão e não aconteceu nada. Aí ele disse que eu precisava apertar com um pouco mais de força e vendo que eu não estava fazendo isso, ele mesmo fez. Achei que fosse quebrar o botão *power*. Depois disso, a dificuldade foi com o teclado em que eu segurava a tecla e não soltava... enfim!

Meu primeiro *e-mail* também foi criado nesse curso do Telecentro. Lembro que era algo como *sandrinhაკiau@bol...* Nunca mais acessei e nem lembro a senha. Para testar o *e-mail*, nós enviamos mensagens para os colegas da sala, a maioria também estreante nesse mundo tecnológico. Havia uma certa histeria ao recebermos as mensagens uns dos outros, como se fosse uma coisa incrível – o que de fato era. Em 2006, já no 1º ano do Ensino Médio, tive acesso a outros cursos oferecidos pela escola, como “multimídia na educação”, entre outros. Essa foi a época em que aprendi a mudar a tela de fundo do PC, criei minha conta no Orkut, entre outros feitos que para mim significavam muita coisa. Nesse processo, tive um professor que foi essencial em meu aprendizado, o professor Vladimir. Ele tinha um jeito muito simples de nos explicar as coisas e muita paciência. Ele também deu um cursinho sobre montagem e manutenção de computadores. Na época não entendi muita coisa, mas tudo foi compondo meu conhecimento. Na verdade, a escola foi um dos únicos lugares em que tive acesso à tecnologia digital, uma vez que em casa meus pais não tinham muitos recursos para nos dar um computador e/ou algo do tipo. Isso quer dizer que passei a maior parte da minha adolescência sem letramento digital. Quer dizer também que meu contato continuou sendo bem reduzido, já que o tempo que eu passava na escola para fazer esses cursos era de poucas horas.

Em 2009 fiz o vestibular para um curso EAD da UNOPAR. Lá aprendi a mexer com o portfólio digital que consistia em um trabalho, individual ou em grupo, por disciplina. A tarefa era compor um texto ou a atividade solicitada, formatar conforme as orientações e postar no “Colaborar”, que estava no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). A primeira experiência com portfólio não foi muito agradável. O primeiro que eu fiz foi individual e foi enviado só com a capa e sem o conteúdo. Não sei o que foi que fiz com o resto do texto. O segundo portfólio também não deu muito certo. Na terceira tentativa solicitei a ajuda das meninas da secretaria e uma delas me ensinou como fazer. A partir daí consegui enviar os próximos trabalhos, os quais fui conseguindo melhorar ao longo do tempo. Era um procedimento similar ao que fazemos hoje no curso da LEC (Licenciatura em Educação do Campo) que é referente as postagens no *Moodle*. Antes de postar as atividades nesse ambiente, primeiro passamos pelo processo de digitar, formatar, renomear, salvar etc. Depois busca-se o arquivo onde ele foi salvo. Este tipo de letramento hoje me parece natural, mas foram nesses processos simples que me perdi várias vezes nas primeiras vezes. Na época eu ainda não utilizava *pendrive* e sim CD. Nesse meio tempo, fui fazendo outros cursos na área, como um básico em informática e um de datilografia grátis *online* em um *blog* chamado Caça-links. A descoberta do Facebook também foi nessa época. A novidade foi tão envolvente que me atralhei nos estudos. Depois aprendi a usar com mais responsabilidade e o considero super legal.

Atualmente, tenho mais contato com as tecnologias. Isso se deve em boa parte pelo fato de que mais ou menos um ano atrás fui trabalhar em uma área que exige conhecimento em vários aspectos tecnológicos. No primeiro convite para compor o setor na parte pedagógica do NTE (Núcleo de Tecnologias Educacionais), recusei devido as muitas dificuldades e insegurança com a área. Segundo a coordenadora da época, não se exigia curso técnico em informática, sendo este um requisito para a área do suporte. Posteriormente, notando que a equipe em questão realmente precisava de mais alguém, visto que estava defasada no número de funcionários, me senti impelida a ajudar de alguma forma e vi também que seria uma oportunidade de aprender. Dessa forma, para me sentir um pouco mais segura, me matriculei em curso técnico de manutenção e suporte em informática. Assim, a coordenadora me convidou dessa vez para o

suporte. Respirei fundo e fui. Achei tudo muito complicado: é computador que trava, é impressora que não funciona, é documento desconfigurado, é data e horário errados no PC, é senha de usuário que não entra, é sistema que atualiza o tempo todo, é sistema corrompido, é vírus, é leitor de PDF que não lê PDF, é programa lento, é arquivo que sumiu, é cabo rede com defeito ... muitas preocupações e muitas ansiedades!

Ainda não considero nada fácil lidar com essas tecnologias, mas quando a gente começa a pegar o jeito, torna-se algo gostoso e divertido. Nas aulas de Linguagens e Códigos – Ensino e as Novas Tecnologias, estamos aprendendo sobre as diversas possibilidades de se levar as novas tecnologias para a sala de aula e tornar esse ambiente mais interessante e produtivo para o professor e para o aluno. Em uma dessas aulas, aprendi, mediante uma fala do professor Carlos Henrique, que como a tecnologia está sempre mudando o importante é que a gente esteja acompanhando e se esforçando em compreender essas mudanças e não em focar tanto em ser conteudista.